

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

Marcos Rangel de Sousa Costa¹
Luciano de Melo Sousa²

RESUMO

O presente artigo refere-se aos estudos e interpretações sociológicos que permitem perceber a relação entre os jovens estudantes de uma escola pública de Ensino Médio de Teresina com a disciplina Sociologia. O trabalho baseia-se em uma pesquisa que teve como objetivo compreender a relação entre os jovens com a Sociologia, tendo em vista a contribuição, ou não, desta na construção das reflexões e compreensões de suas realidades sociais. Para tal, são discutidos os conceitos sobre juventude e juventudes na intenção de estabelecer as diferenças entre um conceito e outro (UNESCO, 2004; ESTEVES, ABRAMOVAY, 2007). Debate-se o ensino de Sociologia e o seu papel enquanto disciplina do Ensino Médio na formação de sujeitos reflexivos, capazes de interpretar, compreender e questionar as sociedades e suas estruturas econômica, social e política (SILVA SOBRINHO, 2007; APPLE, 2004; SARANDY, 2004; LAHIRE, 2014). Metodologicamente, esta é uma pesquisa de caráter exploratório que se desenvolveu a partir da realização de grupo focal e entrevistas individuais. Os resultados da pesquisa indicam que as juventudes não se relacionam com a disciplina Sociologia a partir das experiências vivenciadas em seus contextos sociais. Verifica-se que há um distanciamento dos estudantes perante a disciplina, mesmo aqueles que gostam dela, tendo em vista que a prática pedagógica conservadora do professor não os envolve em debates que incluam suas experiências, seus anseios, suas realidades e suas identidades.

Palavras-chaves: Juventudes, Ensino de Sociologia, Educação, Ensino Médio.

RELATIONSHIPS AND INTERACTIONS BUILT (OR NOT) BETWEEN THE SOCIOLOGY DISCIPLINE AND YOUTH IN A PUBLIC SCHOOL IN TERESINA/PIAÚÍ"

ABSTRACT

This article focuses on sociological studies and interpretations that allow us to understand the relationship between young students from a public high school in Teresina with the Sociology course. The research, in which this article is based, had the goal to understand the relationship between young people and Sociology, in view of the contribution, or not, of the latter in the construction of reflections and understandings of the students' social realities. In order to do so, the concepts of youth and youths are discussed, so that we could establish the differences between one concept and another (UNESCO, 2004; ESTEVES, ABRAMOVAY, 2007). We debate the teaching of Sociology and the role of the Sociology course, as a High School subject, in the formation of reflective beings, capable of interpreting, understanding and questioning societies and their economic, social and political structures (SILVA SOBRINHO, 2007; APPLE, 2004; SARANDY, 2004; LAHIRE, 2014). Methodologically, this is an

¹ Mestrando em Ciências Sociais Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail:mrangelsc@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: lucianomelo@cchl.uespi.br

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

exploratory research based on a focal group and individual interviews. The results of the research indicate that youths do not relate the course of Sociology with their experiences of their social contexts. It seems that there is a distance between the students and the course, even those who like it, considering that the teacher's conservative pedagogical practice does not involve them in debates that include their experiences, their desires, their realities and their identities.

Keywords: Youths, Sociology teaching, Education, High school.

RELACIONES E INTERACCIONES CONSTRUIDAS (O NO) ENTRE LA DISCIPLINA DE SOCIOLOGÍA Y LOS JÓVENES EN UNA ESCUELA PÚBLICA DE TERESINA/PIAUI"

61

RESUMEN

Este artículo se refiere a estudios e interpretaciones sociológicas que permiten comprender la relación entre jóvenes estudiantes de una escuela secundaria pública de Teresina y la asignatura Sociología. El trabajo se basa en una investigación que tuvo como objetivo comprender la relación entre los jóvenes y la Sociología, considerando su contribución, o no, a la construcción de reflexiones y comprensiones de sus realidades sociales. Para ello, se discuten los conceptos de juventud y juventud con la intención de establecer las diferencias entre un concepto y otro (UNESCO, 2004; ESTEVES, ABRAMOVAY, 2007). Se debate la enseñanza de la Sociología y su papel como asignatura de secundaria en la formación de sujetos reflexivos, capaces de interpretar, comprender y cuestionar las sociedades y sus estructuras económicas, sociales y políticas (SILVA SOBRINHO, 2007; APPLE, 2004; SARANDY, 2004; LAHIRE, 2014). Metodológicamente, esta es una investigación exploratoria que se desarrolló a través de grupos focales y entrevistas individuales. Los resultados de la investigación indican que los jóvenes no se relacionan con la disciplina de Sociología a partir de experiencias en sus contextos sociales. Parece que hay un alejamiento de los estudiantes de la materia, incluso de aquellos a quienes les gusta, considerando que la práctica pedagógica conservadora del docente no los involucra en debates que incluyan sus experiencias, sus deseos, sus realidades y sus identidades.

Palabras-clave: Juventud, Didáctica de la Sociología, Educación, Bachillerato.

1 Introdução

Pensar as juventudes, quem são elas e seus espaços sociais ocupados é um exercício sociológico recente e, por essa razão, há poucos trabalhos e pesquisas desenvolvidas dentro deste campo (SILVA, 2010). Por isso, este é um trabalho necessário, tendo em vista que esta temática é pouco abordada pelas Ciências Sociais, especialmente acerca do ensino da Sociologia nas escolas: o público escolar do Ensino Médio é, geralmente, composto por jovens entre quinze e dezoito anos.

A juventude vai além da idade biológica. E a abordagem sociológica deste assunto nos permite observar os grupos juvenis a partir de outras perspectivas, inclusive pela perspectiva do próprio sujeito pesquisado, na intenção de se conhecer e compreender quem são esses atores dentro da sociedade e as relações que temos com eles, direta e indiretamente.

Paralelo a isso, deparamo-nos com o ensino de Sociologia no Ensino Médio, temática que também não é tão recorrente nas Ciências Sociais. O ponto de partida trabalhado aqui é o fato da intermitência do ensino de Sociologia na educação brasileira, bem como uma visão consagrada sobre como e o que deve ser ensinado (SILVA SOBRINHO, 2004). Com isso, levamos em consideração que o ensino de Sociologia, assim como as demais disciplinas humanísticas, teria como um de seus objetivos propiciar às juventudes do Ensino Médio um ensino reflexivo e fundamentado em debates e diálogos, preparando-as para conviver em sociedade, compreendendo suas organizações, múltiplas diferenças, leis e encarando suas realidades sociais a partir de uma abordagem crítica. Para tanto, os estudantes precisam compreender a juventude como fenômeno social contemporâneo, os lugares de que fazem parte, bem como a si próprios como agentes autônomos nos meios sociais. Para tal, ferramentas teóricas garantidas pelas disciplinas humanísticas, em especial a Sociologia, é que permitem aos jovens uma participação mais ativa em seus espaços sociais.

Diante do exposto, estabelecemos uma relação entre as juventudes e o ensino da Sociologia, em busca de parâmetros que apontem afinidades entre a disciplina e os atores, a partir de suas perspectivas, e como a disciplina contribui, ou não, na construção de olhares reflexivos sobre a sociedade da qual os jovens fazem parte. A Sociologia, aliada a outras disciplinas e estratégias, é um dos meios que permite, a princípio, às juventudes terem suas vozes ouvidas.

Assim, o presente trabalho, “Relações e interações construídas (ou não) entre a disciplina Sociologia e juventudes em uma escola pública de Teresina/PI”, nasceu a partir da curiosidade sociológica em se analisar possíveis relações entre juventudes e a Sociologia escolar. Esta curiosidade construiu-se a partir de observações realizadas durante o desenvolvimento das disciplinas de Estágio Supervisionado I e II, como também através das atividades de extensão propostas pelo programa “Humanismo Caboclo – Educação e Cidadania”, em suas atividades e oficinas envolvendo Sociologia e juventudes rurais e periféricas. Através destas disciplinas e atividades, tivemos os primeiros contatos com a sala de aula e pudemos acompanhar a construção da disciplina Sociologia no ensino público a partir dos olhares dos jovens estudantes e do professor em formação.

A delimitação do tema está inserida em uma escola pública estadual da zona norte de Teresina onde os estágios foram desenvolvidos e construiu-se esta pesquisa. Nesta escola, a maioria dos estudantes é negra e oriunda de bairros e famílias de baixa renda. São grupos sociais considerados como um público alvo importante para se desenvolver disciplinas humanistas no intuito de formar cidadãos não apenas aptos para o mercado de trabalho – maior interesse do **Humana Res**, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 60 – 79 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

sistema educacional, obediente ao mercado capitalista –, mas, também, formar cidadãos com pensamentos e observações reflexivas capazes de compreender suas realidades e, com a contribuição da educação e do ensino de Sociologia, ter novos parâmetros para construir uma realidade social mais justa e igualitária.

Desta forma, norteamos este trabalho a partir dos seguintes questionamentos: a disciplina Sociologia, através do seu processo de ensino-aprendizagem, envolve os jovens e provoca debates com temáticas juvenis que permitam aos estudantes problematizarem suas realidades? Como os jovens compreendem e se relacionam com a Sociologia em sala de aula, tendo em vista as relações e espaços sociais dos quais fazem parte? Os jovens percebem se a Sociologia contribui ou não em sua formação e na análise de suas realidades?

Diante destes questionamentos, o objetivo geral desta pesquisa foi conhecer a relação entre as juventudes de Ensino Médio de Educação Pública com a disciplina Sociologia, tendo em vista a contribuição, ou não, da mesma na construção das reflexões e compreensões de suas realidades sociais. Já os objetivos específicos: compreender, através de reflexões e análises sociológicas, o que são juventudes e como é pensado o ensino da Sociologia na educação básica; problematizar e discutir o processo de ensino-aprendizagem da Sociologia no Ensino Médio, bem como seu desenvolvimento em sala de aula, a partir dos olhares dos jovens estudantes; observar como as juventudes se relacionam, ou não, com a disciplina de Sociologia a partir das experiências vivenciadas em seus contextos sociais.

É importante abordar esta temática para se pensar em diretrizes educacionais, à luz da Sociologia, que contribuam para a formação de jovens capazes de construir suas vidas e seus espaços sociais de maneira justa e igualitária. A formação educacional básica contribui com as formações acadêmica e profissional dos jovens que integram as sociedades, bem como com sua formação pessoal e intelectual enquanto sujeitos históricos. Diante disso, é importante se pensar quem são essas juventudes e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem da Sociologia no Ensino Médio.

Ainda, particularmente, temos grande apreço pelas temáticas juventudes e ensino de Sociologia. Primeiramente, em virtude dos trabalhos sociais já desenvolvidos com estes grupos, através das atividades construídas pelo Programa de Extensão Humanismo Caboclo³; e do

³ O Humanismo Caboclo é um programa de extensão da Universidade Estadual do Piauí, vinculado à coordenação de Ciências Sociais. Suas áreas temáticas são Educação e Cultura. Desenvolve suas ações desde o ano de 2010. Defende uma concepção de humanismo onde os sujeitos, socialmente situados e comprometidos com as libertações das opressões vividas, buscam superar as condições impostas hegemonicamente pela sociedade e construir percursos sociais onde se constituem como seres integrais, disponível em <https://www.humanismocaboclo.com/sobre>.

prazer em estar em sala de aula, construindo um ensino de Sociologia de forma adaptada e contextualizada às realidades dos estudantes que descobrimos durante o Estágio Supervisionado.

2 Metodologia

Pensar as juventudes exige procedimentos e metodologias que sejam capazes de compreender e lidar com multiplicidades, diferenças, realidades e universos vividos por elas em seus contextos sociais e em suas formas de vida culturalmente construídas (Reis, 2006).

Desta forma, não há métodos mais apropriados do que os qualitativos para garantir uma percepção detalhada de cada indivíduo jovem e, principalmente, de seus grupos e espaços sociais; pois, como afirma Teresa Haguette (2013, p. 59), “[...] os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”.

Utilizamos uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, adotando as técnicas de grupo focal e entrevistas individuais, para a construção do “corpus” empírico. O grupo focal foi utilizado para construir uma compreensão de uma percepção geral dos estudantes a respeito da temática juventudes e do processo de ensino-aprendizagem da Sociologia (Morgan, 1997; Kitzinger, 2000 apud Trad, 2009). A partir dele e de seus resultados, realizamos as entrevistas individuais no intuito de observar e compreender as realidades e as percepções individuais dos estudantes, levando em consideração suas sensações e observações pessoais. Participaram da pesquisa jovens com idades entre 15 e 19 anos, estudantes do 2º ano do Ensino Médio.

As entrevistas e o grupo focal apresentaram uma estrutura de poucas perguntas que abordam nossos objetivos, pois

As perguntas do questionário aberto devem ser poucas: entre duas e cinco interrogativas são suficientes. [...] O número limitado de perguntas obriga o investigador a um trabalho cuidadoso em extremo. Com efeito, as indagações propostas ao sujeito, além de serem claras, precisas e expressas numa linguagem natural, adequada ao ambiente no qual se realiza a pesquisa, devem apontar os assuntos medulares do problema (Triviños, 1987, p. 171).

Desta forma, as questões respeitaram o espaço escolar, as realidades e personalidades dos jovens. Tanto no grupo focal como nas entrevistas individuais, as perguntas adequaram-se aos objetivos da pesquisa e centraram-se nos sujeitos, debatendo o ensino de Sociologia e sua relação (ou não) com a temática Juventude(s) enquanto conteúdo programático.

3 Jovem: o que é isso? Compreendendo dilemas, anseios, desafios e seus espaços e protagonismos.

O que é juventude? O que a caracteriza como e enquanto juventude e o que a diferencia do mundo adulto? Estes são aspectos sociológicos e antropológicos interessantes e importantes para se abordar e problematizar as juventudes. Primeiramente, identificar os contextos sociais e culturais dos quais elas fazem parte nos permite compreender o que as constituem tal como são e, desta forma, compreendermos suas identidades.

A palavra juventude, usualmente, remete à ideia de cronologia, onde compreende-se juventude apenas como um marco temporal. Assim, jovem é apenas aquele sujeito que se encontra numa determinada idade da vida. Contudo, o conceito de juventude carrega em si um emaranhado de significados que superam os conceitos atribuídos por dicionários, políticas públicas e pelas teorias das ciências humanas. Poderia, portanto, ser concebido como juventudes, no plural, por perpassar a ideia de tempo, de idade, de condições ideológicas etc. e aprofundar-se numa teia de significados, necessidades, dilemas, anseios, desafios etc. (identidades juvenis). Entre uma concepção e outra há uma diferenciação teórico-conceitual que atribui a umas diversas noções e informações díspares que constituem seus valores e suas representações intrínsecas a cada termo (Esteves; Abramovay, 2007).

Partindo desse pressuposto, a UNESCO (2004, p. 23 e 25) conceitua-nos juventude referindo-se

[...] ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero [...] e do ponto de vista demográfico, corresponde a uma faixa etária que varia segundo contextos particulares, mas que, geralmente, está localizada entre os 15 e os 24 anos de idade

Assim, a UNESCO constrói e explora uma conceituação pragmática de juventude, caracterizando-a, principalmente, a partir do período temporal vivido e das transformações biológicas que ocorrem na puberdade. Esta caracterização acaba contribuindo para a construção da visão de senso comum sobre juventude que conhecemos atualmente.

O cientista social Luiz Esteves e a socióloga Miriam Abramovay (2007, p. 21 e 22) apontam que “a realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades”. Isto significa que

ao observarmos as juventudes, percebemos que estas multiplicam-se em grupos juvenis diversos que se diferenciam uns dos outros, organizando-se de forma heterogênea, onde cada grupo, dentro do seu contexto sociocultural, político e econômico, vivencia experiências de vida, de oportunidades e de formas diferentes uns dos outros, experimentando, reagindo e lidando com estas realidades de acordo com a forma que se organizam e que se reconhecem. Cada grupo juvenil, portanto, possui o seu próprio modo de vida social, exercendo, à sua maneira, as participações nos espaços sociais dos quais fazem parte.

Neste sentido, a sociologia da juventude, conforme nos indicam Esteves e Abramovay, percebe duas formas de se discutir juventude:

Uma que considera a juventude como grupo social homogêneo, composto por indivíduos cuja característica mais importante é estarem vivenciando certa fase da vida, isso é, pertencerem a um dado grupo etário. Nessa linha, a prioridade é conferida à análise daqueles aspectos tidos como mais uniformes e constantes dessa etapa da existência. Outra, de caráter mais difuso, que, em função de reconhecer a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e interseções na sociedade (situação socioeconômica, oportunidades, capital cultural etc.), define a juventude para muito além de um bloco único, no qual a idade seria o fator predominante, nessa linha, vem se tornando cada vez mais corriqueiro o emprego de termo juventudes, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas, justamente, apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria. (Abramovay, 2007, p. 21 e 22)

Isto significa que, conforme discutimos até aqui, a Sociologia observa duas formas de se perceber a juventude: na primeira forma, que também reitera a visão do senso comum, define-se juventude a partir do período temporal vivido pelo sujeito, cuja faixa etária é o fator determinante para que um indivíduo seja ou não jovem. A segunda forma, por sua vez, define por juventudes as múltiplas possibilidades e formas do jovem se expressar, suas formações ideológicas e de personalidade, pensamentos, comportamentos, as culturas que partilham e constroem, suas distintas participações na sociedade etc.⁴

No entanto, a ação de fragmentar a vida em etapas ou fases, segundo Elaine Müller (2005, p. 67), “é uma construção cultural relativa no tempo e no espaço”. Assim, há uma forma diferente em cada sociedade de se organizar as etapas da vida e suas passagens de fase (da infância para a idade adulta e desta para a velhice). Desta forma, conforme continua a autora, a “idade vai além da contagem dos anos de vida dos indivíduos, pois à própria contagem já está

⁴ Há, ainda, uma terceira forma de se observar as juventudes, segundo a antropóloga Elaine Müller (2005, p. 74 e 75): como “**problema** para a sociedade adulta”, segundo a mídia e o senso comum. Assim, ao observarmos os principais trabalhos no âmbito das ciências sociais sobre juventude, percebemos como estes estudos “estão repletos de delinquent boys”. A autora, então, reflete sobre a percepção da juventude como transgressora, mas pouco se discute sobre o modelo ideal do qual estas juventudes estão se desviando.

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

associado um conjunto de regras, padrões de comportamento e status sociais forjados como os adequados para cada idade” (2005, p. 67).

O que podemos compreender a partir da reflexão de Müller é que o próprio método que define a juventude a partir do dado temporal já possui em si uma teia de significados socioculturais, o que demonstra que a categoria juventude rompe os limites da contagem de tempo. Ou seja, “além de dividir o curso da vida em diferentes estágios ou fases, são atribuídos a cada uma destas fases uma série de comportamentos e posicionamentos tidos como adequados ou esperados” (Müller, 2005, p. 70).

Isto significa que cada momento da vida (seja ele infância, juventude, fase adulta ou velhice) possui um conjunto de normas esperadas para que o indivíduo siga e que define o seu comportamento, sendo ele diferente em cada sociedade e condizente com a sua idade. Mas a questão é ainda mais abrangente pois, para além de comportamentos esperados socialmente (e estabelecidos pelos meios de comunicação, sistema educacional, religiões, sistemas jurídicos etc.), há também as expressões próprias de grupos juvenis específicos (grupos de periferia, juventudes do skate, punk, rock, juventude do campo etc.).

Complementando, Vânia Reis, parafraseando José Machado Pais (2003; 2005), nos ajuda a diferenciar juventude de juventudes e compreendê-las:

“Juventude”, no singular, não pretende uniformizar a heterogeneidade, mas referir-se a uma fase da vida, que se manifesta, se realiza, conforme a trajetória de vida que cada um vai conseguindo construir, a qual, embora seja individual, por estar imbricada em processos coletivamente vivenciados, assume também a condição de trajetória coletiva. “Juventudes”, no plural, diz respeito à multiplicidade de expressões dos jovens, nos diferentes contextos sociais em que estão inseridos (Reis ,2006, p. 63)

Assim, Vânia Reis constrói uma compreensão de como as juventudes se organizam e se desenvolvem a partir de suas variações e contextos sociais vividos. A autora nos sensibiliza a não limitar a compreensão sobre as juventudes, tão diversificadas, a uma mera fase temporal da vida, e a perceber suas múltiplas formas de se expressarem e vivenciarem os espaços sociais dos quais fazem parte. Maria Souza, em consonância com Vânia Reis, afirma que a

[...] palavra ‘juventude’ não pode ser interpretada somente como um fenômeno demográfico a ser modelado numa ‘classe de idade’, com um status e uma personalidade homogênea e universal, compondo uma ‘fase’ distinta de ‘preparação’, ‘espera’ ou ‘moratória’ para o exercício maduro da vida ‘adulta’ responsável, séria, cidadã, produtiva e reprodutiva (isto seria, basicamente, uma extensão a adolescência) (Souza ,2005, p. 92)

Portanto, a palavra juventude não deveria, assim, homogeneizar tantas particularidades culturais e de expressões das juventudes numa fração de tempo, uma vez que podemos perceber

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 60 – 79 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

inúmeros sujeitos vivenciando diversas experiências e realidades de maneiras diferentes a partir de comportamentos e realidades socioculturais também diferentes. Tampouco deveria ser uma fase da vida vista apenas como período de teste para a fase adulta, reduzindo as práticas socioculturais das juventudes a um momento da vida que apenas precede a idade adulta. Esta fase juvenil é compreendida como moratória social “ao pensar que os jovens atravessam um período de ‘quarentena’ até a entrada em um mundo de obrigações e deveres” (Müller, 2005, p. 76).

Há, ainda, complicações em compreender as juventudes a partir do recorte temporal, pois como observa José Machado Pais (1993, apud Müller, 2005, p. 71) “a abordagem dada à juventude pode defini-la como um conjunto homogêneo, quando a compara a outras gerações”, pois a classificação etária simplifica as juventudes num único grupo identificado apenas pela sua idade, desconsiderando todas as suas realidades, suas manifestações identitárias e socioculturais:

Existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que, de certa forma, são globalizados. Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, contraditórias entre si [...] Logo, a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados (Esteves e Abramovay, 2007, p. 25).

É pertinente observar que quando os autores afirmam que “não há uma cultura juvenil unitária”, isto significa que em lugar algum identificamos grupos juvenis que sejam iguais, tampouco agindo e se organizando da mesma forma, vivenciando situações do seu dia a dia de formas iguais a quaisquer outras juventudes. Assim sendo, percebe-se que mesmo dentro de uma mesma cidade ou um mesmo bairro, há grupos juvenis que vivenciam suas experiências e seus espaços sociais de formas diferentes. Nunca um grupo é igual a qualquer outro.

Esta multiplicidade de expressões das juventudes também ajuda a perceber os espaços, grupos e lugares ocupados por elas na intenção de evidenciá-las como sujeitos participativos e com suas identidades bem definidas. Lia Pappámikail (2010, p. 397), por exemplo, traz-nos a escola como um destes espaços ocupados pelas juventudes quando defende que “a escola passa a ser o único território legítimo para a vivência de grande parte da juventude” e como ela contribui na formação e construção das identidades destes grupos⁵.

⁵ A “[...] inevitável formação dos grupos, nos diversos espaços de sociabilidades da escola, é catalisada pela relação instituição escolar com os jovens, quanto à construção e mediação de outros sentidos”, conforme analisa Malonne Guibson (2018, p. 34).

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

Tendo em vista a colocação da autora, a escola é um dos espaços mais comuns de ocupação das juventudes, mas não o único, como ela propõe. Determinar a escola como o único espaço de vivência das juventudes seria negar e deslegitimar todos os outros espaços que elas ocupam e aos quais pertencem, responsáveis pela sua formação social e pessoal.

Como enfatiza Pappámikail, o período escolar é o período que permite às juventudes a construção e legitimação de suas identidades, suas relações sociais, suas experiências e formações intelectual e de personalidade. De toda maneira, mesmo que seja este o período enquanto momento temporal propício para a construção das identidades juvenis, os espaços que contribuem com essa construção são múltiplos, complexos e diversos. Nossa escolha pelo espaço escolar está intrinsecamente ligada às possíveis contribuições da Sociologia na formação de suas identidades.

Deste modo, assumimos a necessidade e o cuidado de se compreender estas juventudes a partir de suas individualidades e dos seus diversos e múltiplos aspectos identitários influenciados pelos contextos culturais e sociais dos quais fazem parte. Aliás: não só fazem parte como também os transformam, uma vez que os indivíduos jovens também são atores sociais com responsabilidades, necessidades e interesses como qualquer sujeito social. Agindo assim, pensamos as juventudes de forma que não as categorizemos em sujeitos estáticos que não acompanham as mudanças sociais e como se não contribuíssem com essas.

Desta forma, as Ciências Sociais podem pensar as juventudes não como sujeitos à parte dos demais grupos sociais, mas sim ao lado destes, com os mesmos direitos, com as mesmas responsabilidades e como agentes sociais que constroem as sociedades.

4 Resultados obtidos

À luz do aporte teórico desta pesquisa, estruturamos a análise das narrativas da seguinte forma: primeiramente, analisamos e debatemos sobre o ensino de Sociologia em sala de aula e as habilidades pedagógicas e didáticas do professor regente em propor debates e reflexões que permitam aos jovens construir uma compreensão de suas realidades sociais e perceberem-se como agentes protagonistas e transformadores destas realidades, principalmente em sua condição juvenil. A partir da compreensão do ensino de Sociologia, pudemos, enfim, analisar a percepção que os estudantes têm de si enquanto jovens e como a Sociologia, enquanto disciplina, permite (ou não) a construção de discussões sobre juventudes e suas identidades.

Assim, partimos do primeiro questionamento do grupo focal: Vocês gostam de Sociologia? Por quê?

Eu, particularmente, gosto. Mas, tipo, eu acho que a disciplina ela é muito mal ensinada nas escolas. A disciplina de Sociologia ela fala, tipo, de sociedade. Tipo, ela tem que pegar o ponto de vista dos alunos e repetir e falar o conteúdo sob o ponto de vista. E, tipo, não tem isso nas escolas do Estado. O que tem aqui, por exemplo: o professor dava um texto, ficava olhando pra nossa cara e não tinha, tipo, um debate ou alguma explicação, porque, tipo, a matéria de Sociologia é pra pessoa debater e falar sobre gostos, formas de viver, de sociedades e não tinha isso aqui (Carlos Marques, 19 anos).

Observamos na fala do estudante Carlos Marques⁶ que ele possui um vínculo de afinidade com a Sociologia, contudo, esse vínculo é frágil em virtude da maneira que o professor regente – formado em Ciências Sociais – desenvolve sua abordagem em sala de aula. Sociologia é debate, questionamento, desconstrução de preceitos e preconceitos, é um exercício contínuo de análises e reflexão (conforme o significado das competências específicas da Sociologia proposto pelos PCNs+⁷). É vital observar e considerar o quanto esses jovens conseguem estabelecer vínculo com a matéria, reconhecer-se nela e percebê-la como útil e importante em seu dia a dia de juventudes. Assim, o jovem estudante expõe um ponto crucial: seu interesse pela Sociologia e a reflexão que ela propõe. Mas os debates não aconteciam, uma vez que o docente os impedia quando, através de sua metodologia, condicionava os estudantes somente à leitura de textos sem correlacionar seu conteúdo com os contextos sociais dos estudantes. E esta é uma falha pedagógica que os PCNs+ (2002, p. 21) procuram evitar nas escolas ao propor que “os educadores de determinada unidade escolar devem comungar de uma prática docente comum voltada para a construção de conhecimentos e de autonomia intelectual por parte dos educandos”. Desta forma, ao contrariar os PCNs+ e não exercitar suas orientações, o docente não favorece a construção dos conhecimentos e da autonomia intelectual dos estudantes, reproduzindo uma prática pedagógica conservadora. Situação essa que não dialoga com as demandas e anseios do estudante Carlos Marques disposto a compreender seus espaços e suas realidades que lhe cercam e constroem seu dia a dia.

A narrativa do jovem Carlos Marques e a análise acima são corroboradas pelas ideias da jovem Emanuelle Reis (16 anos), quando diz que não gosta de Sociologia “porque eu nunca entendi e o professor nunca soube explicar direito”, e da jovem Mel Oliveira (16 anos), ao afirmar que também não gosta de Sociologia “pelo simples fato de quando a gente perguntava algo sobre a matéria pro professor, nem ele mesmo sabia explicar”.

⁶ Todos os nomes dos estudantes são fictícios.

⁷ Este trabalho foi realizado no período anterior à Reforma do Ensino Médio. Mas a Base Nacional Comum Curricular (2018) mantém esses mesmos objetivos para o ensino das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. **Humana Res**, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 60 – 79 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

Analisando os pontos que as jovens colocam sobre os motivos pelos quais não gostam de Sociologia, percebe-se que a metodologia do professor regente acaba afastando as estudantes da disciplina. Podemos afirmar que o maior responsável pela paixão do estudante por determinada disciplina é o professor e sua capacidade de apresentá-la para suas turmas de forma que ela não seja uma disciplina técnica, academicista, com conteúdo enciclopédico e construída em cima da soma e memorização de informações. A Sociologia, que é um exercício de reflexão e raciocínio, não pode ser abordada de maneira diferente. Caso contrário, deparamo-nos com a situação abordada por Vargas ([entre 2008 e 2018]), ao afirmar que tais práticas pedagógicas tradicionais se apresentam de forma excessivamente abstrata e distante da compreensão dos estudantes que, por sua vez, consideram a disciplina e o trabalho em sala de aula chatos, enfadonhos e distantes de suas realidades sociais (Silva Sobrinho, 2007). Tal reflexão é observada nas falas das jovens acima e corroborada também na narrativa do jovem Luís Ângelo (16 anos):

Eu não gosto de Sociologia, porque é algo que totalmente não considero tão bom pra falar porque eu não gosto de falar muito de política e nem sobre as pessoas. Eu sei que, de qualquer jeito, algumas vezes eu posso até falar com as pessoas, eu penso que posso me desenvolver por si próprio sem a capacidade do professor de Sociologia, porque é algo que acontece no dia a dia pra mim.

Luís Ângelo encontra-se distante da Sociologia (ou ela dele) por conta de sua metodologia academicista. Essa ideia sustenta-se com o depoimento de Carlos Marques ao dizer que “a matéria de Sociologia é pra pessoa debater e falar sobre gostos, formas de viver, de sociedades”: se a Sociologia não cumpre o seu papel de propor debates que dialoguem com as vidas e as realidades dos estudantes, estes acabam distanciando-se da disciplina o suficiente para considerá-la desnecessária e dispensável. Luís Ângelo, mesmo assumindo e salientando suas dificuldades de interações sociais e com discussões acerca de assuntos políticos e afins, sente-se mais seguro de lidar sozinho com estas dificuldades do que com o auxílio do docente. Os PCNs+ (2002, p. 90) afirmam que são competências da Sociologia, no campo investigação e compreensão, “construir instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a ‘visão de mundo’ e o ‘horizonte de expectativas’ nas relações interpessoais com os vários grupos sociais” (comungando com a LDB, que propõe a educação como ferramenta para formar cidadãos para as práticas sociais). Desta maneira, como constituir-se um cidadão sem as práticas de discussão coletiva? Como exercer a cidadania sem ouvir o outro e ser ouvido? Sem estabelecer relações interpessoais com diversos grupos sociais? Sem construir debates e diálogos?

O distanciamento que observamos entre o estudante e a disciplina encontra-se, muito provavelmente, no fato da abordagem pedagógica do professor não estar sendo capaz de atingir a sala de aula conforme esperava-se, uma vez que é perceptível como ele não conseguiu converter os saberes científicos da Sociologia em saberes pedagógicos. Além disso, percebe-se nas falas dos jovens um certo ressentimento com o docente e o seu comportamento em sala de aula em relação aos estudantes, o que acaba por impossibilitar de vez a aproximação da turma com a Sociologia.

Essa observação é percebida na fala do jovem Marcos Roberto (18 anos) ao justificar por que não gosta de Sociologia: “Eu acho que a maioria dos alunos tem falta de conhecimento sobre a área de Sociologia por conta do mal ensino no colégio e também porque não tem tanto (debate e discussões) da parte social”. Para o estudante, debater as suas realidades e exercitar a reflexão sociológica com criticidade não é de todo ruim e, muito menos, um bicho de sete cabeças. A dificuldade – e, também, a frustração – encontra-se na capacidade (ou na falta dela) do professor conseguir desenvolver estes debates de forma coletiva e adaptada à linguagem dos jovens estudantes e, também, contextualizada com suas vivências. Quando isso não acontece, aprender Sociologia, principalmente partindo de textos de leitura difícil e distantes da compreensão dos estudantes, torna-se um martírio e enfadonho (Silva Sobrinho, 2007). Dentre todas as disciplinas, a Sociologia será vista, inevitavelmente, como chata e desnecessária. Nunca servirá para a vida dos estudantes.

Assim, da forma que a Sociologia é construída na sala de aula do Ensino Médio, como ela será capaz de promover o diálogo entre seus conteúdos e as vivências das juventudes no dia a dia? As aulas levam em consideração os aspectos individuais e pessoais dos estudantes no contexto de suas realidades sociais e de seu cotidiano? O que estes jovens pensam sobre isso? O jovem Carlos Marques (19 anos) diz que

Sim (sente falta desse diálogo contextualizado em sala de aula), porque a Sociologia é pra debater assuntos sociais, tipo, o que a pessoa vive, o que a pessoa vê, o que a pessoa sente. Isso não é o que a Sociologia ensina pra gente hoje, o professor não chega a debater estes assuntos na sala de aula.

O estudante traz consigo o desejo de ter em sala de aula diálogos para além do livro didático. Sua fala carrega o anseio de discutir questões pessoais relacionadas ao seu cotidiano, ao seu contexto sociocultural e aos espaços sociais dos quais ele faz parte, além das próprias questões subjetivas que cercam sua vida social – “o que a pessoa vive, o que a pessoa vê, o que a pessoa sente”. É esse diálogo que permitirá o estudante compreender suas participações na

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

sociedade e, principalmente, contribuir com as construções identitárias como jovem e agente social e transformador.

O exercício de observação e reflexão garante uma tomada de consciência sobre sua identidade: quem é, qual o seu lugar, o que ele é capaz de fazer. Sem este exercício, corremos o risco de formar estudantes sem consciência reflexiva, obedecendo às normais (normas) sociais sem questioná-las. Com isso, corre-se o risco de reproduzir o senso comum e preconceitos e, desta forma, sustentar uma sociedade incapaz de promover mudanças quando elas são necessárias.

É importante frisar que o professor não é um sujeito que não possa falhar. As falhas que pretendemos ressaltar aqui dizem respeito aos fatores discutidos nesta pesquisa: a prática docente conservadora (centrada nas falas e na autoridade máxima que o professor exerce em sala de aula) e a “pedagogia do discurso” que permite que a aula seja um monólogo protagonizado apenas pelo docente, retirando dos estudantes a possibilidade de construir os debates e a reflexão coletivamente. Pelas falas dos jovens, observamos que o professor regente desenvolve essa metodologia conservadora e ela, como pudemos perceber, acabou não atendendo às expectativas dos estudantes.

Se a Sociologia não sai do livro didático para ocupar a sala de aula através de suas metodologias de discussão coletiva entre professor e estudantes e, posteriormente, acompanhar os estudantes em suas vidas e em seus espaços sociais, naturalmente os jovens enxergam a disciplina com algum preconceito e sem entusiasmo. Eles percebem quando a Sociologia, bem ou mal, desempenha este papel. E este compromisso está nas mãos do educador sociólogo.

Analisamos também como os estudantes conseguem construir sua compreensão enquanto jovens à luz das reflexões sociológicas. Observamos que tipo de relação é estabelecida entre os estudantes e a disciplina, e se os seus debates construídos em sala de aula se fazem presentes ou não em seus cotidianos.

Então questionamos: “você se considera jovem? Por quê?”. Carlos Marques (19 anos) considera-se jovem “porque, tipo, eu só vou me considerar um homem (adulto) quando eu tiver fora de casa, com emprego e renda. E também minha idade, né? E eu gosto de coisas que jovens gostam de fazer tipo sair, se divertir, encontrar amigos”. Em primeira mão, observamos que a fala de Carlos Marques traz a conceituação de juventude concebida pelo senso comum, marcada pela ideia de temporalidade que combinaria com uma certa falta de maturidade e experiência.

A percepção de Carlos não está assegurada exclusivamente pelos marcadores de cronologia (“minha idade”). Ao tratar de responsabilidades (“quando eu tiver fora de casa, com **Humana Res**, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 60 – 79 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

emprego e renda”) e por práticas socioculturais associadas às juventudes (“sair, se divertir, encontrar amigos”): são todos elementos associados à juventude em sua moratória social e que são percebidos e difundidos pelo senso comum do que é ser jovem. Estes elementos constroem uma visão das juventudes que, primeiramente, as condensa em um único grupo homogêneo, bem como acaba retirando delas suas possibilidades de participação e protagonismos sociais, tendo em vista que ainda não são adultos e não possuiriam maturidade para tal. Elementos como a idade são dados facilmente manipulados e manipuláveis, conforme discute o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983, p. 2): condensar as diversas e complexas juventudes em uma única unidade social com interesses comuns, e atribuir estes interesses a uma idade biologicamente definida, já demonstra uma manipulação destes dados. O autor afirma que seria necessário, ao menos, analisar as diferenças das juventudes.

Assim, facilmente observamos que as demais falas dos jovens estudantes constroem-se em cima do senso comum que atribui juventudes à idade biológica e falta de maturidade e experiência: “Me considero jovem por causa da falta de maturidade. De não ter tanta experiência como as outras pessoas mais velhas, pela idade, também, porque ainda sou muito novo” (Marcos Roberto, 18 anos); “Eu me considero jovem, além da idade, por eu não ter maturidade o suficiente pra me considerar uma pessoa mais velha, adulta” (Dandara Costa, 15 anos); “Eu me considero jovem por causa da idade, pelo que eu acho que eu sou e pelas coisas que eu faço e cumpro” (Luís Ângelo, 16 anos).

Observando as falas desses jovens a partir da análise sociológica de Bourdieu: todos eles estariam condicionados a uma unidade social que desconsidera suas diversidades, complexidades e individualidades. Todos se enxergam como um grupo homogêneo com interesses iguais. Essa visão se contrapõe à abordagem do antropólogo Clifford Geertz (1973, p. 4) ao defender que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, sendo a cultura essas teias”. Podemos compreender que as “teias de significados” que o homem teceu (no caso, sua cultura) revelam a sua complexidade e diversidade enquanto indivíduo dentro de um ou mais grupos constituídos por outras inúmeras complexidades e diversidades. Isto significa que a diversidade cultural constrói as individualidades dos sujeitos. Individualidades que são múltiplas, complexas e heterogêneas. Assim, compreendemos que as identidades juvenis devem ser pensadas dentro destes parâmetros conceituais para que possamos observá-las em suas individualidades, sabendo que, a partir delas, as juventudes constroem suas múltiplas formas de participação social.

É fundamentalmente importante essa abordagem para que seja possível identificar como a Sociologia, em sala de aula, pode contribuir com a construção destas participações, bem como **Humana Res**, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 60 – 79 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

na construção ou afirmação de certas identidades juvenis. Assim, individualmente, questionamos aos sujeitos: você já teve oportunidade de discutir sobre a realidade dos jovens de Teresina? Se sim, o que foi discutido? A resposta de cada jovem revela exatamente o que não esperávamos da Sociologia em sala de aula: a falta de debates acerca de temáticas do cotidiano destes estudantes. Temáticas que fazem parte do vasto arcabouço teórico da disciplina para construir discussões suficientes capazes de provocar os jovens a refletirem sobre suas vidas e seus espaços sociais dos quais fazem parte.

À pergunta, Marcos Roberto (19 anos) afirmou que “não, não tive a oportunidade, nunca houve discussão. Sempre foram aqueles textos (do livro didático) e só isso. Nunca foi trazido nada do que acontece ao nosso redor pra escola e pras aulas, não.”; Dandara Costa (15 anos) disse que “não, só comentários, mesmo, mas nada aprofundado.”; Carlos Marques (19 anos) foi conciso: “Não, não tive.”; Luís Ângelo (16 anos), da mesma forma: “Não, nunca discutimos.”; Emanuelle Reis (16 anos) comentou que “teve uma vez, foi até com o senhor no ano passado (2018). Mas só ali, com o outro professor, nunca”.

Como é possível ensinar Sociologia em sala de aula sem promover pensamentos reflexivos e debates democráticos entre os estudantes, conforme deliberam as premissas da LDB e dos PCN? Como provocar nos jovens o pensamento sociológico sem correlacionar os conteúdos da nossa disciplina com suas vidas pessoais e coletivas? Sem vincular os debates sociológicos e suas teorias com as experiências individuais e cotidianas desses estudantes (“nunca foi trazido nada do que acontece ao nosso redor pra escola e pras aulas, não”)? As possíveis falhas na prática pedagógica e metodológica no ensino da Sociologia contribuem com o afastamento entre estudantes e disciplina. Mais do que o afastamento entre ambos, também falha com os objetivos que a Lei de Diretrizes e Base da Educação e os Parâmetros Curriculares Educacionais defendem para o desenvolvimento da educação na construção da autonomia intelectual e da cidadania de cada estudante.

As falas dos sujeitos revelam um desprendimento da Sociologia frente às suas vidas e seus espaços sociais. Esse desprendimento resulta em um ensino academicista e conteudista, focado no acúmulo de informações enciclopédicas que pouco contribuem com a formação intelectual e reflexiva (Sarandy, 2004; Silva Sobrinho, 2007; Lahire, 2014; Vargas, [entre 2008 e 2018]).

Questionados se saberiam identificar alguma possibilidade de discussão por parte da Sociologia sobre as identidades juvenis, indagamos aos jovens, em entrevistas individuais, sobre as maneiras que o professor da disciplina trata a questão da juventude e o que ele fala sobre os jovens. Marcos Roberto (18 anos) afirmou que era “difícil explicar, porque a gente

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 60 – 79 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

nunca teve o assunto, nem debate”. Dandara Costa (15 anos) revelou que o professor “meio que só passava alguns textos, explicava pra gente e pronto, só isso. Não conversava nada sobre isso com a gente, não. Era sempre só o que tinha no livro”. Carlos Marques (19 anos) enfatizou que “ele não tratava. Ele pegava uma página do livro, botava a gente pra ler e ficava lá até bater o horário. De vez em quando ele falava alguma coisa, mas era bem pouco”. Luís Ângelo (16 anos) revelou

Nunca ouvi dizendo nada, não. Apenas ano passado (2018), quando eu estudava pela manhã, meu professor falava muito sobre a questão familiar, interação entre pai e filho, avós, tios e aí eu meio que me senti com um conhecimento a mais porque ele transmitia confiança com estes assuntos. Mas o professor da tarde este ano (2019) não teve nada disso, não.

A estudante Emanuelle Reis (16 anos) respondeu demonstrando certa frustração que “ele (professor) praticamente não falava nada, porque ele só passava um texto e meio que não sabia explicar, não debatia direito. Ele só mandava a gente ler. Não debatia, não explicava por que é que acontecia, como é que fazia”.

Os estudantes expõem o quanto a disciplina distancia-se de suas realidades e nega-se a discuti-las enquanto temática pertinente a ela. Infelizmente, essa é uma prática que permite o fortalecimento do senso comum, tendo em vista que as discussões e debates reflexivos em sala de aula contribuiriam com a desconstrução de ideias e convicções sustentadas por ele (a exemplo das ideias e noções sobre jovem apresentadas pelos próprios estudantes). A partir do momento que o professor regente esvazia a sala de aula de debates, os estudantes distanciam-se de outras formas de se pensar e ver a vida e as práticas sociais. E, conseqüentemente, de se perceberem enquanto sujeitos históricos capazes de ocupar e transformar os espaços sociais dos quais fazem parte. De construir suas identidades a partir de sua autonomia e do seu empoderamento, formando-se sujeitos com decisões, com desejos, com vontades, com poder de escolha, com opiniões etc.

Desta forma, observamos o quanto a falta de discussões e reflexões propostas pela Sociologia em sala de aula (e dialogadas com o cotidiano dos grupos juvenis que fazem parte do espaço escolar) acaba por contribuir com o distanciamento dos estudantes para com a disciplina. Além disso, contribui para que se reproduza o senso comum sobre o que é ser jovem. Assim, traz dificuldades aos estudantes na construção de suas percepções enquanto agentes sociais e históricos, bem como na construção de suas identidades juvenis.

Conclusão

Ao investigarmos, a partir dos olhares dos jovens estudantes, o processo de ensino-aprendizagem da Sociologia e o seu desenvolvimento em sala de aula, pudemos perceber que este processo se desenvolveu de forma fragilizada e distante das realidades dos educandos. Isto porque a disciplina, através da prática pedagógica conservadora do professor regente, não envolve os jovens no processo de debates e diálogos que a Sociologia é capaz de provocar. Assim, o ensino da disciplina constrói-se a partir de uma única via – a do professor –, sustentado em leituras de textos do livro didático, sem contextualização com as realidades das juventudes e sem ouvir suas vozes e percepções sobre o mundo social.

Contudo, é importante ressaltar as condições da prática docente do professor sociólogo, por encontrar-se em uma função cada vez mais desvalorizada e precarizada no ensino público: lidar com uma rotina de trabalho exaustiva ao assumir a disciplina em diversas escolas para cumprir sua carga-horária; ter disponível apenas uma hora-aula semanal (um tempo escasso para se desenvolver uma disciplina que lida com interpretações, questionamentos, debates e reflexões); falta de concursos para professores efetivos de Sociologia, bem como a remuneração abaixo do teto para os professores contratados através de concursos temporários; professores formados em outras áreas de conhecimento que assumem a disciplina e contaminam a discussão sociológica com seus conhecimentos diletantes etc.

Assim, pudemos observar que, no contexto estudado, as juventudes não se relacionam com a disciplina de Sociologia a partir das experiências vivenciadas em seus contextos sociais: verificamos que há um distanciamento dos estudantes perante os saberes da disciplina, mesmo por parte daqueles que gostam dela, tendo em vista que a prática pedagógica conservadora do professor não os envolveu em debates que contemplassem suas experiências, seus anseios, suas realidades e suas identidades. Quando a Sociologia não envolve os estudantes através de diálogos e reflexões, ela os exclui de sua própria formação pessoal e intelectual, contribuindo para que estes jovens mantenham opiniões fundamentadas no senso comum e sem a sensibilidade para compreender e questionar os espaços e regras sociais dos quais fazem parte e que os constituem.

Desta forma, podemos concluir esta investigação com os seguintes desafios propostos para a Sociologia na educação básica: primeiramente, a garantia de sua presença na grade curricular do Ensino Médio brasileiro (e não que tenha apenas seus conteúdos discutidos transversalmente por outras disciplinas); que seja ministrada por professores formados na área; bem como – e não menos importante – que seja construída a partir de estratégias e práticas

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 60 – 79 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

pedagógicas que se aproximem das realidades dos estudantes, garantido que os debates sociológicos em sala de aula possam ser somados e adaptados pelos jovens em suas vidas e, assim, possam perceber sua contribuição em todas as suas relações e seus espaços sociais.

Referências

APPLE, Michel. A educação e os novos blocos hegemônicos In: RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**, (Coleção o que você precisa saber sobre...). 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. – Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, LDA., 2003

BRASIL, Lei nº 9.394/96, de 20 de dez. De 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**, Brasília, DF, dez de 1996. Disponível em: <<https://guiadamonografia.com.br/como-fazer-citacao-de-lei/>>. Acesso em: 8 jan. 2019

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEB, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>>. Acesso em: 8 jan. 2019

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

CAVALCANTE, Malonne Guibson de Sousa. **Produção e mediação de sentidos pelos jovens alunos de uma escola pública teresinense**: mediadores das relações entre si e os demais sujeitos escolares em meio ao processo de uso e ocupação dos espaços. 2018. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2018

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos (Org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007

GEERTZ, Clifford, 1926 – **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. IS.reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14ª ed. – Petrópolis, RJ: vozes, 2013

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? In: **Revista de ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, jan/jun, 2014

RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

MÜLLER, Elaine. “As Palavras Nunca Voltam Vazias”: reflexões sobre classificações etárias. In: **Jovens & Juventudes**. ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; FERREIRA JÚNIOR, Edísio (orgs. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005

PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. **Sociologia**: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 395-410

REIS, Vânia. Juventude e Juventudes. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; ADAD, Shara Jane Holanda; FERREIRA, Maria Dalva Macedo (Org.). **Jovens e crianças**: outras imagens. Fortaleza: Edições UFC, 2006

SARANDY, Flávio Marcos Silva. Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio. In: **Sociologia e ensino em debate**: experiências e discussão de sociologia no ensino médio. Org. carvalho, Lejeune Mato Grosso de. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004;

SILVA, Fabiano P. A sociologia brasileira e os primeiros estudos sobre a juventude e o universo estudantil. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 16, 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero16.html>>. Acesso em: 15 de agosto de 2018

SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. Eu odeio/adoro sociologia: os sentidos que principiam uma prática de ensino. In: **Leituras sobre sociologia no ensino médio**. Org. PLANCHEREL, Alice Anabuki; OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. Maceió: EDUFAL, 2007;

SOUZA, Maria Antonieta Albuquerque de. A juventude no plural – anotações sobre a emergência da juventude. In: **Jovens & Juventudes**. ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; FERREIRA JÚNIOR, Edísio (orgs. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005

TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais**: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de Novembro de 2018

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. – São Paulo: Atlas, 1987

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: Unesco, 2004

VARGAS, Francisco E. Beckenkamp. **O ensino da Sociologia**: dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2011/10/ARTIGO-O-Ensino-da-Sociologia.pdf>>. Acesso em: 04 de janeiro. 2019